

A ambiência da *mimesis*

por Renato Barroso
(Mestrado em Literatura Brasileira - UERJ)

Nesse final de milênio, muitas bobagens virão à tona. Futurólogos traçarão perspectivas, pessimistas condenarão a trajetória humana, otimistas verão o término das injustiças, enfim, todos tentarão colocar a colher nesse caldeirão, já que a mídia estará atenta a sublinhar cada um desses palpites. A literatura não escapará desse assédio. Por isso mesmo, no campo da teoria literária, muitas respostas tentarão ser dadas. Mas antes que possamos elaborar uma pergunta para eventualmente respondê-la, devemos esclarecer que os estudos literários há muito tempo deixaram de contribuir com uma imagem de estabilidade do mundo. Fortaleceu-se desde então uma vontade de indagar o que seria a literatura. Para os teóricos, essa indagação não se diferenciaria do fazer literatura. Dessa maneira, ambos, o fazer e o indagar, tornar-se-iam uma forma específica de pensar. Nesse ponto, outra hipótese foi levantada: o que é pensar literatura? Aqui, muitos atalhos estão sendo trilhados. Pensemos...

Tateando sobre um desses atalhos, uma placa nos adverte sobre os perigos dessa escolha. Nosso texto é teórico, não ficcional e, somado a isso, não interpretaremos o ficcional, a nossa hermenêutica é outra... abordamos apenas textos teóricos. Continuam as advertências, pois nessa direção o chão se apresenta cada vez menos navegável. Algumas perguntas surgem: 1. Ao fazermos teoria, não fazemos literatura? 2. Teorias que se "originaram" de textos ficcionais não se prestam a outras teorias? 3. Não há ficcionalidade em textos teóricos? Paremos por alguns instantes...

Pesquisas mais recentes celebram o advento de uma realidade virtual. se essa possibilidade concretiza-se, o desmonte é inevitável e, por extensão, a interrogação três se precipita. se avançarmos nessa premissa, aceitaremos que há muita ficcionalidade nos textos teóricos, misturam-se tanto que se transformam em sinônimos. Visto que escrever faz parte de minha realidade, não só como ocupação de espaço entre nascimento e morte, mas

também como ampliação de meus limites; Wolfgang Iser, em entrevista no caderno Idéias/Livros, Jornal do Brasil de 05/10/96, corrobora minhas idéias quando diz que a “ficção é um meio para os seres humanos estenderem-se além de seus limites” e, logo em seguida, reafirma que essa mesma ficção “é uma tentativa de unir o começo e o fim”. Descansemos...

A pergunta dois requer algumas ressalvas urgentes. Teoria não se presta, não se aplica, não é instrumental ou ferramenta; teoria é a oportunidade da experiência a partir de um texto. Teoria se traduz em outra coisa que não a coisa traduzida, pois nenhuma teoria responde tudo, abrange todas as áreas, nem se pode considerá-la como universal, mas dentro de uma determinada teoria os seus conceitos devem ser universais para explicá-la. A pergunta ainda traz um equívoco, ou melhor, exige uma explicitação. A teoria que se construiu através de um texto ficcional engendrou diversos pressupostos dos quais se considerariam impertinentes a outras construções teóricas. Seria uma incoerência básica, já que estaríamos comparando elementos díspares. Não se poderia aqui levar em conta que toda a teoria, como o pensar, é uma comparação e um diferenciar, porque no caso em questão uma partida de xadrez não permite peças que não sejam intrínsecas a esse jogo. Pausa...

Quanto a pergunta número um, a saber: ao fazermos teoria, não fazemos literatura? Fazemos, óbvio. A literatura não trata só do estético, seja na poesia, seja na prosa. A literatura terá um leque maior ao trabalhar com narrativas, portanto, textos teóricos esteticamente bem produzidos são objetos da literatura, é arte; textos teóricos que abordem a literatura, bons ou ruins esteticamente, também são suscetíveis de estudos literários. Todavia, o aspecto que importa mais estritamente agora é a forma. Eu posso ter idéias brilhantes no meu texto e não dizer nada através dele, isto é, não fazer reflexão, em contrapartida, posso não ter idéia nenhuma e construir um belo texto que diga muito, isto é, provocar reflexão. Cito um trecho de Fichte (Johann Gottlieb Fichte's Leben und literarischer Briefwechsel, dois volumes, Brockhaus, Leipzig, 1862) que li em Luiz Costa Lima (1995):

Porque os escritos cujo valor está apenas nos resultados que oferecem ao entendimento, por mais excelentes que tenham sido, se tornam prescindíveis na medida mesma em que o entendimento se faz indiferente a esses resultados ou os alcança por caminho mais simples. Ao contrário, os escritos cujo efeito é independente de seu conteúdo lógico e em que um indivíduo se exprime vivamente nunca se tornam supérfluos e contêm um indelével princípio de vida, mesmo porque cada indivíduo é único e, conseqüência, insubstituível e inesgotável. [p.169].

As três interrogações tornam-se, por fim, exclamações e reticências. Respiro fundo e encerro o texto, não as idéias, já que estas se encontram em outros momentos e em outras imagens ou, possivelmente, até num último fôlego de outros textos.

O efeito do contato

No passado, a literatura foi cercada por ciências de todos os naipes devido ao alcance de seu *status*, sua hegemonia e sua dominação. Conseqüentemente, perpetuou-se uma imagem favorável ao *establishment*, acarretando, com isso, uma ausência de autocrítica imperdoável. Essa ausência, paradoxalmente, ampliou conceitos, definições e concepções que não pertenciam ao *corpus* da estética e da teoria literárias. Na falta de auto-reflexão, louros e glórias. Tais riquezas cegaram os homens que lidavam, ou que, de certa forma, estavam envolvidos com a intelectualidade que determina os cânones da literatura no mundo ocidental, ocasionando noções precipitadas e equivocadas.

Quando mais tarde procuramos desobstruir algumas passagens, chavões e clichês, já estavam gozando de uma estabilidade inquestionável. E, hoje, meio ressentidos, começamos a rever o papel da literatura no espaço contemporâneo, muito menos para questioná-la do que para ocupar atualmente seu minguado espaço.

Para, em princípio, desembaraçarmos esse nó, teremos que embarçá-lo mais ainda, isso porque enquanto *tricksters*, herdamos uma tradição literária bem mais fechada, pronta para se deglutir. Não nos querendo isentar de culpa, certo é dizer que mesmo sem vê-lo nascer, provocamos o monstro e o

engordamos um pouquinho mais. Contudo, esclareço que essa tradição literária fechada é sinônimo de uma tradição literária carregada, isto é, onde seus significados não conseguem se deslocar de seus significantes.

Por aqui cabe juntar idéias. Em países periféricos como o Brasil, os indivíduos que mexem com a literatura são marginais, ou melhor, estão mais à margem de decisões importantes no campo literário. De cara, dois motivos cerceiam esse acesso: se a literatura ainda carrega conceitos definitivos, oriundos basicamente de áreas metropolitanas, devemos conhecê-los bem — se possível melhor do que eles — para enfrentarmos em igualdade, apesar de nossas precárias condições sócio-econômicas; devemos estudá-los para fazermos uma triagem, não para depurar a noção mais fundamentada, mas para filtrarmos cada instância desse processo de fundamentação, a fim de apreendermos e conservá-los. Ninguém negará tarefas árduas que nos colocaram ou acatamos submissos. Se por um lado os conceitos literários trazem o peso das ciências que influenciaram a literatura e esta as auxiliou e por outro lado, se novas noções literárias são sempre banalizadas e desacreditadas por sermos periféricos, precisamos correr mais um pouco para ficarmos ali no páreo. Esse descostume de pensar, para nós de países periféricos, advém em parte, dos conceitos carregados da literatura. Por exemplo, se na direção *A* esses conceitos nos inibem por acreditarmos já fechados e esgotados e, assim, não requerem maiores estudos; na direção *B* também nos desencorajam por acreditarmos impossibilitados de buscar novos conceitos em outras disciplinas ou mesmo criarmos novos conceitos através da observação das experiências do nosso “senso-comum mestiço”. Defasagens vivas que não justificam esse nosso descostume de pensar, embora daí, em parte, possamos atacá-lo e repensá-lo.

O lugar do contato

Mesmo conhecendo alguns textos de Wolfgang Iser como “Problemas da teoria da literatura atual” e “Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional” em *Teoria da literatura em suas fontes* e “A interação do texto com o leitor” em *A literatura e o leitor*, ambos selecionados e traduzi-

dos por Luiz Costa Lima, somente agora, a partir do 2º semestre de 1996, por ocasião do VI Colóquio UERJ sobre Iser e , principalmente, pelo curso que o próprio Iser ministrou após o Colóquio, nesse mesmo ano e na própria UERJ, é que demos conta do rigoroso e amplo processo do seu pensamento teórico. Rigoroso por toda a sua leitura crítica de pensadores de diversos calibres que sustentam, a todo instante, cada viés de sua teoria. Amplo porque carrega em si uma carga de estudos literários que vêm se formando há muitos anos concomitante a uma descarga que repensa a tradição desses mesmo estudos.

Seria isso apenas uma deliciosa cobertura que nos leva, inevitavelmente, a elaboração do recheio de uma saborosa guloseima. Em palavras menos metafóricas, a concepção aqui parte de uma reflexão do efeito que os textos teóricos me proporcionaram. Tal ganho tem duas formas de conquistas: 1) seja pelo avançar de algumas idéias já embrionárias que sistematizaram auxílios ao “não estou louco” e ao “não estou sozinho”; 2) seja pela surpresa de nunca ter pensando desse ângulo, trazendo em si uma vontade de reformular antigas idéias. Ambas as formas foram recebidas de uma perspectiva no mínimo *suis generis*.

Cabe destacar nesse momento uma explicação de ordem construtiva ou, se preferirem, advertências de ponto de vista. Nada que justifique possíveis incoerências de visão, mas que sem essas premissas talvez não se vislumbre mais algumas outras. Deixemos, então, de rodeio.

Quando falamos de um texto teórico que se baseie em textos ficcionais, estas ficções não são resultado dessa teoria ou, da mesma forma, não lhe servem de exemplo — tomemos cuidado agora, já que a reflexão teórica, com as quais também sofremos essas ressalvas acima, não escapará de teorizar de uma plataforma teórica por maior a sua ficcionalidade — por tudo isso, não pretendo distinguir textos teóricos de outros ficcionais e/ou estéticos. Do lado oposto, os textos orais de Iser no Colóquio e no curso — discursos parafrásicos de seus textos escritos? — são um mecanismo de conclusão de produções já finalizadas em textos escritos: a) xerox (“What is Literary Anthropology?” e “The Emergence

of a Cross-Cultural Discourse: Thomas Carlyle's *Sartor Resartus*"); b) livros (*O ato da leitura* e *O fictício e o imaginário*). Não quero dizer com isso que os textos orais esgotem as idéias dos textos escritos, nem tampouco que aqueles sintetizem o pensamento destes, basta entender que o processo será inverso a esse sentido, pois desperta-me traçar o processo de suas "conclusões orais" e a permanência de um interesse teórico futuro.

No prefácio à segunda edição d'*O ato de leitura*, Wolfgang Iser afirma que "(...) o texto literário se origina da reação de um autor ao mundo e ganha o caráter de acontecimento à medida que traz uma perspectiva para o mundo presente que não está nele contida." (p.11), pergunto-me se essa afirmação não faria sentido na empreitada que ora se alicerça. Acrescenta-se ao sujeito, texto literário, texto teórico de literatura e, para torná-lo mais composto ainda, junte-se uma teoria ao texto teórico literário, completa-se assim o círculo de nossa análise. Fica transparente também que a última cena desse quadro, até porque tem uma razão muito mais científica que estética, abordará essa teoria com recursos teóricos, em seu sentido *lato* de criação, invenção, daí o seu retorno ao sujeito simples da enunciação iseriana. Nessa direção, a resposta a essa pergunta me parece positiva.

De qualquer forma, investiguemos mais de perto essa indagação. Se os estudos literários de Iser me "acometeram", então, "vale concentrar o interesse da análise em três problemas básicos: 1) Como os textos são apreendidos? 2) Como são as estruturas que dirigem a elaboração do texto naquele que o recebe? 3) Qual é a função de textos literários em seu contexto?" (ISER, W.: 1996^A, 10). Concentremo-nos nas questões um e três em respeito à minha seleção. Dessa maneira, os textos de Iser começam a ser absorvidos desde a exposição de seu tradutor Johannes Kretschmer como preparação a um melhor entendimento das reflexões iserianas, passam pelas palestras do próprio Iser e seus pares e chegam, logicamente, a seus textos. É claro que essas noções preliminares, porque ainda são exteriores ao texto propriamente dito, embora já evidenciam uma mecânica, ou seja, recorrendo aos instrumentos da recepção de leitura, produzem uma função de textos teóricos — nega-se o caráter alegórico, visto como utilidade imediata, como

ferramenta para diversas aplicabilidades, para entender a sua função muito mais como prática do pensamento do que como ruptura das imagens dominantes do mundo real.

Atrevo-me, portanto, a dizer que sem a intenção entre as duas indagações, o nosso exercício não se realiza. Na apreensão dos textos de Iser, rastreia-se uma leitura e, através de uma diferente perspectiva de seleção e combinação, levo-me a operacionalizar um texto e a função de pensá-lo enquanto construção.

A ambiência da *mimesis*

Essas palavras iniciais são suficientes para um debate com a *mimesis* num ringue onde a disputa se dará entre a semelhança (identidade ou repetição) e a diferença. Essa luta é esclarecida por Luiz Costa Lima (1995):

De acordo com a visão estabilizadora, fundada numa epistemologia "otimista", a *mimesis* implicava uma correspondente *hierárquica*, em que o termo anterior ao próprio ato da *mimesis* — fosse esse anterior a Idéia platônica ou fossem as noções primeiras aristotélicas — abarcava, explicava e funcionava como juiz do valor do produto da *mimesis* em ação, o *mimema*. Em conseqüência, no *mimema* e em seu processo de feitura, a *mimesis*, privilegiava-se a *semelhança*, a semelhança do produto com o termo anterior de que era o correspondente, na ordem do concreto. A derivação era conseqüente: a *identidade* presidia o mimético valorizado, assim como o desvalorizado o era porque falava do ponto de vista da identidade. [p.44].

Essa passagem importa porque situa em que posto estaremos trabalhando daqui por diante. Aponta para o conceito de *mimesis-identidade* como um lugar valorizado e, no outro extremo, aponta *mimesis-diferença* como um lugar desvalorizado. Imediatamente penso no efeito desse derradeiro *round* que desafia a *mimesis* e que só por essa o reconhece enquanto expressão de luta.

Mesmo que tempos depois o resgate da *mimesis* como vetor de diferença tenha sido valorizado, e dentro desse mesmo quadro o exagero de sua utilização a tenha sufocado até o esquecimento, devemos nos lembrar do

palco de nossas expressões, pois é no cotejo da mimesis-diferença que recai o nosso interesse.

Abro um parênteses para explicar melhor: se entendermos que a cultura de um país não pode ser conceituada porque seu resultado é definido sempre pelo negativo — causa do homem não ter estabilidade, não ter território, nasceu imaturo, faltando um aparato instintivo próprio de sua espécie — só aceitaremos uma cultura que se dê no diálogo do seu vazio no mundo; ou, mas densamente, o ser e, por coexistência, a cultura não nasce, não são formados, já que, na mesma ordem, psique e cultura são formantes.

Com esse trunfo, fecho o parênteses e retorno a mimesis-diferença. Por hora, então, escapa-nos a diferença. Não há como diferenciar o que se discute como “Há”. Se o paradigma da área metropolitana é questionado, a mimesis hesita na dicotomia identidade/diferença. A hesitação prossegue até alinharmos nossas indagações. Sabe-se que aqui na área marginal é fácil ser revolucionário, o problema é aprofundar a revolução, mesmo porque vertigens temos a qualquer momento. Assim sendo, pensar uma mimesis-diferença é assimilar sem se deixar ser assimilado. É como num jogo em que se põe na mesa os conceitos de espelho e superação, onde o pai é o espelho e o *Trickster* é a superação. sair vitorioso nessa contenda é conseguir com que um dos competidores possa repetir a jogada do adversário e ir além através de uma variação do mesmo tema. Não custa chamar atenção para a locução verbal “possa repetir” que não exclui outras ações, embora para o vencedor seja preciso repetir. Isso leva-nos a crer que indiferente ao lugar dos seus participantes, tal jogada é visível. Do mesmo modo que o *Trickster* repete=imita para variar, o pai necessita repetir=imitar para variar e sair ganhador. Talvez, por considerarmos também essa inversão, estabelecemos uma referência nova para o nosso problema.

Não almejo descobrir todas as soluções para circunstâncias tão complexas. Entretanto, sobra-me um último esforço a fim de montar um caminho inverso. Não se crendo no fim das utopias nem se aceitando uma como salvação, percebe-se vastas implicações do lugar em que me posiciono. Estreito mais esse pensamento quando, em área periférica, não capitalizo

idéias que engrossariam esse diálogo. Se encosto a primeira situação (estabilidade metropolitana) perco, momentaneamente, a referenciabilidade, só assim preocupo-me em alimentar minhas dúvidas: na instabilidade da área periférica, comprometo a tendência assimilacionista e provooco explosões de limites, e, através delas, vou trabalhar com as possibilidades, não diria que “a possibilidade negativa se torna iminente: *explodir os limites significa não só a sensação de partir de uma terra de ninguém, como alcançar uma conquista restrita*”. (LIMA, L.C: 1997, 270). A não territorialização do ser humano abriria uma razão para a “terra de ninguém” e, entre os vazios possíveis, a conquista poderia ser irrestrita. Tornaríamos essa caracterização mais leve como a possibilidade de perverter a negação dessa positividade, ou seja, a liberdade de movimentos, é tanto menor quanto menos pregnante: a liberdade menor é neutralizada pela maior eficácia, ao contrário do que afirma Costa Lima (Idem, 78).

Sendo assim, prefiro, desse prisma, justificar tais decisões da ambiência da mimesis no intuito de encontrar um resultado para esse exercício final. Nem demiurgos, nem niilistas. Conclui Costa Lima (1981):

A obra mimética, portanto, é necessariamente um discurso com vazios (Iser), o discurso de um significante errante, em busca dos significados que o leitor lhe trará. Os significados então alocados serão sempre transitórios, cuja mutabilidade está em correspondência com o tempo histórico do receptor. Por esta intervenção necessária do outro, o receptor, o produto mimético é sempre um esquema, algo inacabado, que sobrevive enquanto admite a alocação de um interesse diverso do que o produziu. [p.232].

Finalmente, a mutabilidade da mimesis está na sua própria ambiência e essa sua “nova alocação” travará correspondência com nossas rebeldes necessidades de *Tricksters* eternos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CASTORIADIS, Cornelius. *L' Institution imaginaire de la société*. Paris: Seuil, 1975.
- COSTA LIMA, Luiz. *Mimesis e modernidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- _____. *Vida e mimesis*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- _____. (org.) *Teoria da literatura em suas fontes*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, v.2. 1983.
- _____. "Representação social e mimesis". in: *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- _____. "Poesia e crítica". in: *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- _____. "O pai e o Trickster". Apêndice II. in: *Terra Ignota*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Tradução de Johannes Kretschmer. v.1. São Paulo: Editora 34, 1996[^].
- _____. *O fictício e o imaginário*. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- _____. "A interação do texto com o leitor". in: *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. "What is Literary Anthropology?" Xerox.
- _____. "The Emergence of a Cross-Cultural Discourse: Thomas Carlyle's *Sartor Resartus*". in: *The translatability of cultures - Figurations of the Space Between*. California: Stanford University Press, 1966.
- SCHWAB, Gabriele. "The anthropological Turna in Literature". (Xerox).